

APRESENTAÇÃO

Em uma época em que a vida social é dominada pelas imagens, em que referências visuais rodeiam e impregnam a vida cotidiana, torna-se cada vez mais indicado e necessário que as ciências sociais se dediquem a inquirir e avaliar os significados culturais engendrados por elas, propondo-se a um trabalho não só sobre a natureza e modos de percepção do olhar, mas igualmente sobre a dinâmica social da qual participam e que ajudam a construir. Nesse sentido, estudos importantes vêm se realizando nesses últimos vinte anos, no Brasil, muitos deles desdobrando-se em publicações bastante inovadoras e proveitosas.

Como linguagem e como prática social, as imagens permeiam, expressam, aproximam relações cotidianas, marcando profundamente a sociedade moderna, no entrelaçamento de experiências e perspectivas passadas, presentes e futuras em convívio e em confronto. Como linguagens e artefatos, histórica e culturalmente criados e incorporados pelos homens, são expressões de olhares, de maneiras de ver, de intenções, propostas, estratégias, tradições e formações, de bagagens afetivas e culturais alternativas. Seus significados também se reelaboram, conforme o olhar e as perspectivas dos que os perscrutam.

Nesse contexto da expressiva presença da cultura visual nas sociedades contemporâneas, o desejo da imagem, o impulso generalizado em direção a ela, ampliando a noção de texto, não só despertam o interesse de múltiplas áreas do conhecimento, como também convidam a diálogos interdisciplinares.

O Programa de Estudos Pós-Graduados em História e o Departamento de História da PUC-SP, compartilhando esse interesse e procurando ampliar o diálogo com outras disciplinas, reúnem, no presente volume de *Projeto História*, textos que procuram contribuir para a reflexão sobre as relações entre História e Imagem e sobre procedimentos metodológicos para o seu tratamento na investigação social.

O volume anterior, dedicado a ponderações sobre os sentidos das comemorações dos 500 anos do Brasil, já introduz reflexões sobre o assunto. Alguns textos nele pu-

blicados, destacando a presença acentuada das linguagens visuais em nossas percepções de mundo e na construção de significados, exercitam possibilidades de leitura das imagens comemorativas, numa observação da articulação recíproca entre a construção do olhar e dos significados da linguagem visual. Esses textos, além de oferecerem subsídios para um debate sobre metodologias para o estudo das imagens e para o seu uso no ensino e na pesquisa, levam a refletir sobre modos como estas, em constante movimento, são re-significadas como veículos de intervenção político-cultural.

Dando continuidade a questões propostas anteriormente, este número, História e Imagem, reúne artigos, de autores nacionais e estrangeiros, pesquisas e resenhas que expressam caminhos de reflexão nesse campo temático, em curso em muitos espaços.

As traduções trazem ponderações do historiador inglês, falecido em 1997, Raphael Samuel, professor no Ruskin College, de Oxford, figura de grande importância na instituição do *History Workshop* e um dos principais membros da *New Left Review*. No livro *Theatres of memory: past and present in contemporary culture*, do qual os textos fazem parte, analisa como o passado continua ativo no presente, especulando o uso da imagem visual nesse processo. A partir de referências inglesas, explora significados do uso de fotos históricas, de cenas antigas, como sendo “o desejo de ver”, a vontade das pessoas de guardar e preservar ambientes e paisagens. Buscando inspiração nas expressões populares, para trabalhar a questão da herança cultural, Samuel observa na idéia de o cinema usar álbuns de família a intenção de adequar as imagens ao que o público deseja ver. Constata que esse fenômeno se articula ao do uso de velhas fotos na cultura doméstica. Comentando que historiadores, ainda que tardiamente, começaram a reconhecer os desafios da fotografia como formas de representação e documentação que podem, no todo, assumir novas significações e engendrar aspirações e práticas, destaca, como elementos importantes para sua interpretação, a natureza e características de determinados tipos de fotografia, assim como as legendas que as acompanham, e as estratégias praticadas na produção de filmes.

Charles Grivel também comenta o tema da imagem, explorando o irrecusável desejo de figura que se desenvolve na sociedade, sobretudo a partir do século XIX, com a revolução dos meios de comunicação e as inovações gráficas. Este professor da Universidade de Mannheim, Alemanha, e ligado a um grupo de pesquisadores reunidos em torno da Federação de Pesquisadores das Literaturas Populares e Transmediáticas, em seu texto *A passagem à tela – Literaturas híbridas*, reflete sobre a vocação da imagem para a figura, sobre sua indissociabilidade do texto no mundo da ficção e da edição

popular e sobre suas interferências no texto e, portanto, nos sentidos, para além da palavra.

Entre os artigos, Marcos Silva, analisando murais de alguns artistas mexicanos de destaque, discute temas e procedimentos visuais na pintura mural mexicana do século XX. Salienta a importância de referenciais temáticos como povo, nação, ciência e trabalho e estuda o esforço desses pintores para elaboração de uma memória da Revolução Mexicana que abrigou tensões e diferenças internas.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses, fazendo um exercício de leitura de imagem publicitária do fogão a gás na revista *Fon Fon*, de 1913, observando a relação entre texto e imagem, destaca a necessidade da interação permanente entre fonte e o questionamento histórico para se ter uma leitura adequada. Problematisa as implicações sociais da imagem publicitária, comentando como a mecanização da cozinha e a conseqüente transformação do espaço de habitação tiveram no componente visual, representado pela publicidade, pelos catálogos, pela iconografia artística, um vetor importante na introdução e difusão dos equipamentos domésticos. No caso do fogão a gás, se a imagem revela uma aparente simplicidade, a nova tecnologia cria novos desafios e resistências, pois altera expressivamente o papel do corpo no trabalho e multiplica as intermediações.

Roger Andrade Dutra, tratando da historicidade da imagem e do próprio cinema, discute a relação entre o cinema e a história e entre a história e a ficção, atribuindo à natureza comercial do cinema um alcance social mais eficiente de construção de novas realidades, estereótipos e padrões estéticos, em comparação com a literatura.

Cristiane Nova, comentando as principais tendências europeias e americanas do norte nos estudos sobre as relações entre imagem e história e destacando algumas questões essenciais, procura explicá-las no seio de transformações das tecnologias imagéticas, tanto quanto das mudanças nas formas de abordagem da história.

Sérgio Alves de Souza, analisando um volume da revista feminina *Top Secret*, que comenta o filme de Glauber Rocha, *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, busca pensar a articulação de significados entre fotonovela, anúncios, horóscopo e comentário cinematográfico, propondo algumas perspectivas metodológicas para a abordagem desse tipo de material.

O artigo de Alípio Freire, que comenta imagens de um acervo de artes plásticas produzido por presos políticos dos anos 1960-70, em São Paulo, sugere-nos possibilidades de pesquisas sobre anseios, idéias, desejos e projetos expressos através dessas formas de manifestação artística.

A entrevista com Georges Vigarello, professor da Universidade de Paris V e diretor de estudos da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, especialista da história das imagens e práticas corporais, conduz-nos por alguns aspectos de seus estudos. Ao historicizar as concepções e as imagens do corpo ao longo dos séculos, Vigarello traz à tona, no dizer de Denise B. Sant'Anna, “a força de ruidosas intolerâncias, o gosto por antigas preferências, os usos de objetos técnicos e artimanhas outrora essenciais para a sobrevivência dos corpos, hoje apagados pelo tempo ou excluídos da história”.

Entre as notas de pesquisas acadêmicas em curso, uma trata o vídeo como fonte para a história, enquanto outra comenta o uso da fotografia como uma das formas de intervenção sanitária na cidade de São Paulo. Ainda em torno da imagem, uma pesquisa sobre a imaginária e devoção popular, em meio a estudos sobre devoções em diversas épocas, sugere alguns caminhos para o estudo do uso das imagens no engendrar devoções na vida dos fiéis. Uma última notícia de pesquisa explora concepções de amor na Idade Média europeia a partir de uma obra literária.

As resenhas noticiam e comentam algumas obras de interesse para se pensarem e trabalharem as relações entre história e imagem. Os comentários de Jerusa Pires Ferreira sobre a obra *De l'écrit à l'écran*, organizada por Jacques Migozzi, oferecem-nos pistas e sugestões interessantes para uma interlocução interdisciplinar bastante promissora em torno das relações entre as culturas popular e transmediática. Também as obras *1932: imagens construindo a história* e *O imperialismo sedutor – A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*, igualmente resenhadas, ao trabalharem, respectivamente, com fotos e filmes, colaboram com possíveis reflexões sobre História e Imagem. Ainda, Jorge Nóvoa comenta as relações entre imagens, imaginário e representações da História a partir do filme *Gladiator*.

Na esteira de questões expostas pelos diferentes autores, podemos ainda considerar que imagens trazem memórias assim como sugerem e engendram novas experiências sociais, que se expõem a novas interpretações. Representando um material muito rico para a investigação social, elas podem também resultar em armadilhas, quando transformadas em meras ilustrações, provas e curiosidades, desenraizadas da realidade social em que se forjam e de cuja construção participam. Coloca-se, então, o desafio de pensá-las e trabalhá-las dentro de seus significados sociais mais profundos, nos quais presente, passado e futuro convivem e tensionam de múltiplas formas.

Yara Aun Khoury
Editora Científica